



## ***MASCULINIDADES, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: REFLEXÕES E PROPOSIÇÕES PARA UM AMBIENTE INCLUSIVO E SEGURO***

## ***MASCULINIDADES, EDUCACIÓN FÍSICA Y DEPORTE: REFLEXIONES Y PROPUESTAS PARA UN ENTORNO INCLUSIVO Y SEGURO***

## ***MASCULINITIES, PHYSICAL EDUCATION AND SPORT: REFLECTIONS AND PROPOSITIONS FOR AN INCLUSIVE AND SAFE ENVIRONMENT***

*Fabiano Pries Devide<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O presente ensaio, de caráter teórico e propositivo, tem por objetivo, refletir sobre os Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte, oferecendo alternativas que promovam um ambiente inclusivo e seguro. Está organizado a partir de uma revisão da literatura sobre Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte; as implicações das representações sobre as masculinidades na Educação Física escolar e no Esporte enquanto instituição reconhecida como espaço de construção de um padrão normativo de masculinidade; e por fim, proposições na direção de mudanças no que se refere à construção de espaços inclusivos e seguros para a adoção de práticas corporais que esgarcem a representação social de uma masculinidade única, normativa e socialmente imposta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. Educação Física escolar. Esporte.

### **RESUMEN**

Este ensayo teórico y propositivo busca reflexionar sobre los Estudios de Masculinidad en Educación Física y Deporte, proponiendo alternativas que promuevan un entorno inclusivo y seguro. Se estructura a partir de una revisión bibliográfica sobre Estudios de Masculinidad en Educación Física y Deporte; las implicaciones de las representaciones

<sup>1</sup> Professor Associado IV do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (IEF-UFF). Líder do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na Educação Física (GREGEF-CNPq). Ex-coordenador do Grupo de Trabalho Temático Gênero e Sexualidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

de masculinidades en la Educación Física escolar y Deporte como institución reconocida como espacio para la construcción de un estándar normativo de masculinidad; y, finalmente, propuestas de cambio respecto a la construcción de espacios inclusivos y seguros para la adopción de prácticas corporales que desvirtúen la representación social de una masculinidad singular, normativa y socialmente impuesta.

**PALABRAS-CLAVE:** Masculinidades. Educación Física Escolar. Deportes.

## ABSTRACT

This theoretical and propositional essay aims to reflect on Masculinity Studies in Physical Education and Sport, proposing alternatives that promote an inclusive and safe environment. It is organized based on a literature review on Masculinity Studies in Physical Education and Sport; the implications of representations of masculinities in school Physical Education and Sport as an institution recognized as a space for the construction of a normative standard of masculinity; and, finally, proposals for change regarding the construction of inclusive and safe spaces for the adoption of bodily practices that fray the social representation of a singular, normative, and socially imposed masculinity.

**KEYWORDS:** Masculinities. School Physical Education. Sport.

\* \* \*

*A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente (...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (...) somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis.*

Stuart Hall

## Os Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte

Os Estudos das Masculinidades no campo da Educação Física e do Esporte no Brasil são recentes do ponto de vista histórico, em comparação com produções norte-americanas e europeias (Fabiano Devide, Leandro Brito, 2021)<sup>2</sup>. Neste cenário, a Educação Física brasileira se debruçou sobre uma teoria amplamente utilizada em diversas áreas: a Teoria da Masculinidade Hegemônica, proposta por Raewyn Connell, publicada no Brasil em língua portuguesa somente em 1995, a partir do artigo intitulado “Políticas da masculinidade” (Raewyn Connell, 1995).

A teoria da Masculinidade Hegemônica aborda como as masculinidades competem pela hegemonia no ocidente; uma forma de dominação onde uma

<sup>2</sup> Os *Men's Studies* emergiram simultaneamente aos movimentos sociais da contracultura, *hippie*, *beatnik*, de minorias sexuais e das/os negras/os. Sua emergência decorre do questionamento de que a dominação masculina também afeta parte dos homens. Norteados inicialmente pela História e a Antropologia, tais estudos rejeitam a noção de masculinidade única, determinada pela Biologia, válida em todos os tempos e culturas (Fabiano Devide, 2021).

masculinidade legitima sua posição e garante a aceitação das outras, através da naturalização da subordinação, tida como correta e natural, construindo padrões de masculinidades socialmente estratificadas e hierarquizadas (Connell, 1995, 2003). Inicialmente, a autora conceitua a masculinidade como uma “configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (Connell, 1995, p. 188); estando sujeita a contradições internas e rupturas históricas (Connell, 2003). Tece críticas à narrativa sobre as masculinidades, sublinhando a imposição de normas de conduta aos homens, que tenderiam a internalizá-las, independentemente de sua agência, o que apresenta duas limitações centrais: a adoção de “uma” masculinidade, desconsiderando outras; e a consideração da identidade de gênero como algo fixo, desconsiderando a agência dos sujeitos, com graus de aceitação e resistência ao que lhes é socialmente imposto<sup>3</sup>.

Raewyn Connell (2003) identificou marcas nos Estudos das Masculinidades: não haver um padrão de masculinidade em todos os lugares e culturas, reconhecendo que as masculinidades não são fixas e/ou homogêneas; quando contextos históricos sofrem mudanças, há reconstruções das práticas de gênero e das masculinidades; há uma forma dominante de masculinidade, valorizada ou desejada em diferentes contextos, gerando preocupação nos que se distanciam dela; e as masculinidades se constituem de forma ativa, pela agência dos sujeitos e o suporte de instituições, tal como o Esporte, por exemplo (Eric Dunning, 1992; Michael Messner, 1992, 1994; Eric Dunning, Joseph Maguire, 1997; Oliveira, 2004; Michael Kimmel, 2013; Georges Vigarello, 2013).

Em sua lógica interna, Connell (1995, 2003) afirma que há uma dinâmica das masculinidades e “(...) para conhecer os tipos distintos de masculinidades não devemos supor que se tratam de categorias fixas. (...) é essencial reconhecer o caráter dinâmico das relações que constituem o gênero” (Connell, 2003, p. 62). Para a autora, com base no conceito gramsciano de hegemonia, há uma tendência de uma masculinidade predominar sobre outra, com padrões que podem distinguir-se, apesar de na prática aparecerem combinados nas práticas dos homens (Connell, 2003). A autora propõe quatro padrões de masculinidades no mundo ocidental: *hegemônica, cúmplice, marginalizada* e

<sup>3</sup> Para fins deste ensaio, reconhecemos que a identidade de gênero se constrói na interação de sujeitos com a cultura, a partir de sua agência em incorporar, resistir e/ou transformar os papéis impostos pela sociedade patriarcal e heteronormativa; sendo múltipla, transitória e contingente (Guacira Louro, 2001; Jeffrey Weeks, 2001; Pedro Oliveira, 2004; Stuart Hall, 2015). O desafio àquelas/es que estão inseridas/os no campo da Educação é “(...) admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e (...) que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (Guacira Louro, 2004, p. 28).

*subordinada*<sup>4</sup>; que não designam figuras fixas, mas “configurações de práticas” emergentes em contextos singulares, na estrutura de relações de gênero, em constante mudança.

Reconhecer que não há apenas uma masculinidade é o primeiro passo. Também temos que examinar as relações entre as diversas masculinidades. (...) temos que esmiuçar os mundos circundantes à classe e à raça e analisar as relações de gênero que operam nelas. (...). (Connell, 2003, p. 116)

A masculinidade hegemônica, que nomeia a teoria e subalterniza as demais, é definida em relação às “outras masculinidades” e feminilidades, ancorando significados da sociedade patriarcal, heteronormativa<sup>5</sup>, branca e cristã. Este padrão de masculinidade apresenta aproximações com a Educação Física e o Esporte enquanto uma instituição, tais como: virilidade, competição, controle das emoções, tolerância à dor, racionalidade, busca por supremacia em público, força, homofobia e misoginia, enquanto ingredientes para a construção de um “homem de verdade”, que constrói um “capital masculino” proporcionado pela competição e a vitória (Messner, 1992, 1994; Brian Pronger, 1992; Dunning, 1992; Dunning, Maguire, 1997; Pierre Bourdieu, 1999; Arnaud Baubérot, 2013; Christopher Forth, 2013).

Ao mapearem as fases dos Estudos das Masculinidades, Jeff Hearn et al (2012) indicam que se inicialmente a preocupação central era com a crítica à teoria dos papéis sexuais e a imposição de práticas estereotipadas aos homens/mulheres, assim como uma reflexão sobre a equidade e as relações de gênero; posteriormente emergiram políticas sociais para os homens, com o desenvolvimento dos *Men's Studies* e a influência da Teoria da Masculinidade Hegemônica, de Connell<sup>6</sup>; e na virada do século XX, usos de

<sup>4</sup> Para Connell (2003), a masculinidade cúmplice se configura em situação específica da maioria dos homens que se relaciona com o projeto hegemônico, mas não o incorpora e/ou o reproduz; estabelecendo relações de aliança para beneficiar-se dos “dividendos patriarcais” na ordem de gênero. A masculinidade marginalizada é representada pelas relações de dominação, opressão e exclusão entre os homens, atravessadas por marcadores de ordem étnico-racial e classe social, legitimando uma estrutura social desigual; enquanto a masculinidade subordinada se constitui pelas relações de dominação e hierarquia entre homens heterossexuais e homossexuais, construídas por práticas de subordinação, estigmatização e exclusão, como por exemplo, o *bullying* homofóbico no ambiente escolar e nas aulas de Educação Física (Chery Pascoe, 2018).

<sup>5</sup> Neste texto, o termo é usado no sentido conferido por Richard Miskolci (2012): a heteronormatividade seria uma ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo, a partir do qual todos/as são criados para adotarem o modelo heterossexual em suas práticas.

<sup>6</sup> Esta teoria foi revisitada pela autora (Raywen Connell, James Messerschmidt, 2013), em artigo que reflete sobre as críticas recebidas, indicando dois aspectos centrais que merecem revisão: ampliar a complexidade do modelo de relações sociais de poder constituídas entre os homens a partir da “masculinidade hegemônica”; e ampliar a compreensão das masculinidades propostas, com modelos menos essencialistas e estanques, reconhecendo a fluidez de suas fronteiras

novas teorias - *queer*, do discurso, dos estudos culturais, do pós-estruturalismo e da interseccionalidade – se reconhece que as masculinidades estão em mudança, são fluidas e construídas na interação. É neste contexto que novas teorias, alternativas à “Teoria da Masculinidade Hegemônica”, emergem, como a Teoria da Masculinidade Inclusiva, proposta por Eric Anderson (2009, 2018), e desenvolvida a partir de estudos com meninos e homens heterossexuais, bissexuais e homossexuais envolvidos com a prática esportiva. Esta teoria traz relevantes contribuições para repensarmos a subalternização do que Connell (2003) nomeou como masculinidade subordinada; por uma masculinidade inclusiva, pensando no contexto da Educação Física e do Esporte.

Na Teoria de Anderson (2009), se analisam as mudanças nas relações entre jovens e homens e suas masculinidades em diferentes culturas ocidentais. Desenvolvida a partir de estudos no esporte, o autor identificou como marca entre os grupos pesquisados, um “padrão inclusivo” identificado entre jovens e homens atletas, caracterizado pela fraternidade, rejeição à homofobia e à misoginia, inclusão de amigos gays, por serem emocionalmente mais íntimos, fisicamente táticos, reconhecerem a legitimidade da bissexualidade, assumirem atitudes e artefatos generificados como femininos e combaterem o *bullying* homofóbico. Tal teoria se enquadra na última fase dos Estudos das Masculinidades indicada por Hearn et al (2012) e inaugura o conceito “masculinidade inclusiva”, associado à agência de homens heterossexuais, bissexuais e gays, e sua posição não subordinada à “masculinidade ortodoxa”<sup>7</sup>.

Seria inadequado categorizar homens (gays, heterossexuais ou bissexuais) que se identificam com a masculinidade inclusiva, como alinhados à masculinidade subordinada (Connell, 2003), pois tal nomeação não se adequa a um grupo que aprecia, valoriza e considera a “inclusividade” como um valor central, rejeitando a masculinidade ortodoxa (Anderson, 2009) e hegemonic (Connell, 1995, 2003). Sua resistência e agência às demandas sociais sobre a imposição dessas masculinidades, assumindo um padrão “inclusivo”, os distancia da noção de “subordinação” e lhes confere relevância da noção de “agência” na construção de suas identidades de gênero, no contexto de uma sociedade

<sup>7</sup> Para Anderson (2009), esta masculinidade é caracterizada pela expressão de atitudes homofóbicas e sexistas, desvalorizando gays e mulheres. Para gays serem aceitos, devem esconder sua sexualidade e agirem de acordo com as normas; enquanto mulheres são menos aptas e objetificadas. Traz como marcas, não ser afeminado, demonstrar força, ser destemido, homofóbico e afastar-se da feminilidade e da homossexualidade, a partir de uma vigilância permanente para não ser lido como gay. Entretanto, a masculinidade ortodoxa independe de classe ou raça, marcadores que Connell (2003) utiliza para nomear a masculinidade marginalizada; assim como de um comportamento para obter dividendos patriarcais na ordem de gênero, como a autora nomeia a masculinidade cúmplice.

ainda atravessada por uma matriz heteronormativa que pressupõe uma relação linear entre sexo-gênero-desejo (Judith Butler, 2003, 2024) e vislumbra na heterossexualidade um regime de verdade (Fernando Pocahy, 2017).

Para este autor, tais mudanças nas masculinidades na virada do século XXI ocorrem em função do declínio da homofobia e da constituição de novas masculinidades emergentes. Anderson (2009, 2018) destaca a centralidade da homofobia na construção e regulação das masculinidades até o final do século XX, apesar dos movimentos sociais relacionados à população de gays, lésbicas e negas/os, emergentes desde o episódio de *Stonewall*, em Nova Iorque, 1969<sup>8</sup>. A homofobia, tida como uma ferramenta para policiar o gênero, vigiando e regulando práticas sociais em culturas homohistéricas, onde arquétipos da masculinidade são hierarquizados, tem entrado em colapso em algumas culturas como Reino Unido, França, República Checa, Canadá, entre outros países onde a Teoria da Masculinidade Inclusiva tem sido estudada e promovida mudanças na construção e na valorização de novas expressões das masculinidades, construídas sobre códigos de gênero mais leves, com abertura emocional, construção de amizades, cumplicidade, alianças e intimidade entre homens.

No âmbito da Teoria da Masculinidade Inclusiva, se reconhecem brechas para a inserção de homens gays e bissexuais se inserirem nas práticas corporais, incluindo o Esporte (Anderson, 2005a). Para o autor, há um paradoxo entre ser homossexual e ser um atleta, representação social que afasta muitos meninos e homens das práticas corporais, sobretudo aquelas generificadas como hipervirilizadas, como algumas modalidades de lutas, o *rugby* e o futebol americano (Dunning e Maguire, 1997; Rial, 2000; Francisca da Silva e Dulce Almeida, 2020). Neste cenário, meninos e homens se socializam no esporte independentemente de suas identidades de gênero e sexual (Anderson, 2005b), interpretadas como não fixas, transitórias e móveis, conforme nos aponta Hall (2015). Para Anderson (2009), a agência de atletas gays e lésbicas têm queerizado o esporte e sua estrutura, com a organização de clubes, ligas e campeonatos que lhes confere visibilidade. Um exemplo relevante é o recorde de atletas abertamente LGBTQIAPN+ nos últimos Jogos Olímpicos de Paris, em 2024<sup>9</sup>, incluindo homens gays, não binários e trans<sup>10</sup>, que

<sup>8</sup> Para maiores informações sobre o episódio e suas consequências, sugerimos o documentário *Stonewall Forever: A Documentary about the Past, Present, and Future of Pride*, dirigido por Ro Haber. Disponível em <https://stonewallforever.org/documentary/> Acesso em: 17 Jul. 2025.

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www.outsports.com/2024/8/13/24098536/2024-summer-olympics-paris-record-lgbtq-out-athletes/>> Acesso em: 15 jul, 2025.

<sup>10</sup> Os homens não binários ou trans competiram em modalidades com mulheres, a saber: atletismo, boxe, futebol e *rugby* de sete.

participaram de diferentes modalidades: boxe, judô, taekwondo, futebol, hipismo, hóquei, remo, atletismo, escalada, saltos ornamentais, ginástica, natação e voleibol, algumas reconhecidas como áreas de reserva masculina (Messner, 1992, 1994; Pronger, 1992; Rial, 2000; Kimmel, 2013; Devide, 2005; 2021a; Devide, Brito, 2021).

Além de Connell (1995, 2003) e Anderson (2005, 2009, 2018), também destacamos as proposições teóricas de Ivan Jablonka (2021), que aborda as masculinidades de dominação e não dominação, reconhecendo a existência de novas masculinidades. O autor reflete sobre como o círculo patriarcal oprime homens que, ao escolherem sair dele, pagam um alto preço: “desprezo, perda de status e críticas por não estar à altura. (...) seu corpo e sua mente é que cedem em seu lugar, através de acidentes de trabalho, estresse, *burnout*, sensação de não ver os filhos crescerem” (p. 217). O autor comenta o ônus da masculinidade de dominação: “insegurança do ego, a vaidade pueril, o desinteresse pela leitura e pelas coisas do espírito, o definhamento da vida interior, o estreitamento dos horizontes sociais (...) a diminuição da expectativa de vida” (p. 222). Jablonka (2021) reconhece e nomeia as masculinidades de “não dominação”, incluindo a masculinidade de “respeito” e a de “igualdade”, pautadas na construção de homens justos, que combatem o patriarcado, a misoginia, as discriminações e práticas de violência, se solidarizam com as mulheres, defendem a igualdade de gênero e entre as masculinidades, valorizando a liberdade de si e das/os outras/os, recusando-se a tornar a masculinidade uma expressão de poder sobre a/o outra/o.

### **Implicações das representações sobre as masculinidades na Educação Física e no Esporte**

Como apontamos na primeira seção deste ensaio propositivo, os Estudos das Masculinidades na Educação Física e do Esporte no Brasil podem ser localizados na virada do século XX e as primeiras décadas do século XXI, enquanto um campo em construção permanente, que ainda busca por sua consolidação teórica. Neste contexto, identificamos alguns estudos nas duas primeiras décadas que iniciam um debate sobre as masculinidades, utilizando, predominantemente, a Teoria da Masculinidade Hegemônica (Connell, 1995, 2003; Raewyn Connell, Rebecca Pearse, 2015; Connell, Messerschmidt, 2013); com estudos recentes trazendo novas teorias, como a da Masculinidade Inclusiva (Anderson, 2005a, 2005b, 2009, 2028; Eric Anderson e Mark Mc'Cormack, 2016).

Dentre alguns estudos do campo da Educação Física e do Esporte que abordam as masculinidades nestas duas primeiras décadas, destacamos os de Carlos Cunha Júnior e

Victor Melo (1996), Carlos Cunha Júnior (2000), Victor Melo e Alexandre Vaz (2006); Erik Pereira (2008); Marko Monteiro (2008); Jorge Knijnik e Afonso Machado (2008); Eliete Faria (2008); Fabiano Devide e Renata Batista (2010); Jorge Knijnik e Paulo Falcão-Delfino (2010); Victor Melo e Paulo Lacerda (2010); Maria Cavaleiro e Cláudia Vianna (2010); Marcelo Silva e Maria César (2010); Camila Cunha (2010); Leandro Brito e Mônica Santos (2013); Leandro Brito e Mirian Leite (2017); João Gabriel Portilho, Leandro Brito e Ana Paula Santos (2020), Devide (2021b, 2021c, 2022, 2023)<sup>11</sup>. Contudo, foi somente em 2021 que a primeira obra sobre Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte foi editada (Devide, Brito, 2021), reunindo quatorze pesquisadoras/es e indicando que tais pesquisas estão se estruturando na Educação Física no Brasil.

De forma geral, as pesquisas sobre masculinidades na Educação Física e no Esporte indicam aspectos consensuais, os quais destacamos. O primeiro é a noção de que alguns conteúdos de ensino da Educação Física escolar são generificados como masculinos (Cunha, 2010; Cavaleiro, Viana, 2010; Devide, 2020, 2021a, 2024). Este fato tem favorecido historicamente a construção de um padrão de identidade masculina que privilegia um percentual de alunos, em detrimento de uma maioria de alunos que se distancia do que acima, nomeamos de masculinidade hegemônica (Connell, 1995, 2003), ortodoxa (Anderson, 2009, 2018); ou de dominação (Jablonka, 2021), as quais possuem aproximações, apesar de apresentarem singularidades.

Também são identificadas pesquisas que apontam a Educação Física escolar como um espaço privilegiado de rituais de construção de masculinidades que se constroem pautadas através de práticas de exclusão e violência. Isto se dá, por exemplo, em relação aos alunos negros, lidos como aqueles que precisam expressar uma hipervirilidade e domínio motor acima da média dos demais, além de conviverem com um estereótipo de hipersexualização; assim como alunos menos habilidosos, recorrentemente excluídos das aulas de Educação Física a partir de práticas que envolvem olhares, gestos e violência simbólica e física (Pedro Fernandes et al, 2021; Juliana Pelluso e Fabiano Devide, 2021; Rômulo Sarmet e Fabiano Devide, 2021).

Dentre os estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte, também destacamos aqueles que tecem o diálogo entre as masculinidades e as sexualidades na

---

<sup>11</sup> Para fins deste ensaio, não temos o intuito de apresentar o estado da arte sobre tais estudos no campo da Educação Física, mas exemplificar sua emergência, reconhecendo, inclusive que podem existir estudos na década de 1990, porém, escassos. Do contrário, escaparíamos do objetivo proposto, além de não ser possível apresentar um levantamento nos limites da extensão do artigo. Contudo, reconhecemos a existência de outros artigos, capítulos, dissertações e teses sobre a temática.

Educação Física escolar, como a problematização do *bullying* homofóbico no cotidiano das aulas ou violências simbólicas direcionadas a estudantes homossexuais e transgêneros (Cunha Júnior e Melo, 1996; Silva e César, 2010; Brito, 2017; Pascoe, 2018; Galdino de Souza et al, 2021; Luíza dos Anjos e Maurício Pinto, 2024); e também no Esporte, interpretado como uma das arenas de maior resistência à homossexualidade, enquanto ameaça à masculinidade normativa (Vagner Prado, 2021; da Silva e Almeida, 2020; Bruno de Souza, Érica Pereira Neto e Gilmar de Almeida, 2021; Brito, 2021; Devide, 2021b, 2022, 2023).

Por fim, identificamos estudos que apontam que há uma pluralidade de masculinidades circulantes nos campos da Educação Física escolar e no Esporte; não apenas uma masculinidade imposta pela matriz heteronormativa (Silva e César, 2010; Melo e Lacerda, 2010; Brito, 2017; Devide e Brito, 2021; Devide, 2021a; Pelluso e Devide, 2021; Silva, Almeida e Devide, 2021; Devide, 2021c, 2022, 2023; Dos Anjos e Pinto 2024). Tais estudos, desenvolvidos a partir de investigações da Educação Física escolar e do Esporte, têm problematizado a noção de que é faz necessário reconhecer a dimensão plural das masculinidades. Como Hall (2015, p. 11) afirma, as identidades são uma “celebração móvel”. Portanto, reconhecemos as identidades como transitórias, não fixas e em constante mudança, ideia corroborada por Weeks (2001) e Deborah Britzman (1996, p. 74), que produz um texto específico sobre a fluidez da identidade sexual:

Nenhuma identidade sexual - mesmo a mais normativa - é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada. (...), a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida (...).

Diante do reconhecimento da construção social das masculinidades (Oliveira, 2004), tida como uma identidade móvel, portanto, plural, é necessário que a Educação Física escolar, enquanto um componente curricular; e o Esporte, enquanto uma instituição; funcionem como espaços de inclusão, acolhimento e valorização das diferenças. Esta necessidade requer mudanças na intervenção docente nas escolas, ao construírem o planejamento anual, selecionarem conteúdos e ministram suas aulas. Da mesma forma, a instituição Esporte precisa deixar de ser o último bastião de garantia da construção e manutenção de uma dada masculinidade, para reconhecer que entre

meninos, jovens e homens adultos, há diferentes expressões das masculinidades que precisam ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas em suas diferenças, aspectos que desenvolvemos de forma propositiva no tópico seguinte.

### **Proposições para mudanças e a construção de espaços inclusivos e seguros para as práticas corporais**

Pensando nas aulas de Educação Física escolar e nos diferentes espaços onde a prática da instituição Esporte ocorre, sobretudo aquele reconhecido como de alto rendimento, enumeramos algumas recomendações a serem consideradas por docentes de Educação Física escolar, treinadoras/es e equipes multidisciplinares que acompanham atletas em treinamentos e competições, com base em nossa vivência empírica nas escolas públicas, clubes e universidades onde atuamos.

- 1) Apresentar um comportamento inclusivo e não discriminatório no que se refere às identidades de gênero e sexual dos meninos, adolescentes e homens, sejam escolares nas aulas de Educação Física; sejam atletas de alto rendimento, sobretudo em modalidades consideradas bastiões da masculinidade normativa, como por exemplo, o futebol, as lutas e o *rugby*;
- 2) Evitar o uso de linguagem discriminatória, com piadas homofóbicas no ambiente das aulas de Educação Física ou do treinamento esportivo, considerando que entre o grupo de alunos ou atletas há aqueles dissidentes de uma matriz heteronormativa, que se identificam como homossexuais e/ou transgêneros;
- 3) Desconstruir a noção de que a *performance* motora, especificamente no Esporte, é incompatível com a homossexualidade ou a transgeridez, apresentando exemplos de homens gays e trans, atletas de alto rendimento, com visibilidade internacional, promovendo um sentimento de pertencimento àqueles que se identificam como homossexuais ou trans;
- 4) Combater práticas homofóbicas e transfóbicas no ambiente das aulas e treinos, evitando o reforço de um padrão de masculinidade tóxico, que seja excludente, classificatório e hierarquizante, alinhando a Educação Física escolar ou o Esporte com as masculinidades hegemônica, ortodoxa ou de dominação;
- 5) Promover dinâmicas de grupo que promovam a interação, cumplicidade, intimidade e tatalidade entre meninos, jovens e homens na Educação Física escolar e no Esporte, problematizando a necessidade de alunos e atletas

expressarem emoções, terem amizades que permitam cumplicidade e intimidade para dividir problemas; assim como desmistificar o toque corporal como algo incompatível com as masculinidades e associado à homossexualidade;

- 6) Usar a linguagem e as dinâmicas de grupo nas aulas e treinamentos, valorizando a inclusão e as diferenças presentes nas masculinidades expressas pelos alunos e atletas, criando um ambiente de fraternidade, amizade, liberdade e segurança para todos, sobretudo, aqueles que se afastam de uma masculinidade socialmente hierarquizada pelo patriarcado e pela matriz heteronormativa;
- 7) Promover cursos de formação continuada sobre gênero e sexualidade para docentes de Educação Física escolar e treinadoras/es, para que acessem conceitos-chave e ferramentas para abordarem estas temáticas de forma cotidiana durante as aulas e treinamentos, minimizando práticas homofóbicas e transfóbicas que ocorrem, por vezes, via olhares, gestos e linguagem;
- 8) Problematizar a inserção de estudantes e atletas trans no âmbito das práticas corporais, utilizando exemplos do cotidiano esportivo, respeitando o uso do nome social e valorizando a trajetória desses sujeitos até se identificarem como transgêneros e passarem pelo processo de transição, não proibindo que se insiram na prática corporal com o grupo com o qual se identificam, rompendo a lógica binária do Esporte;
- 9) Debater sobre a presença de estudantes e atletas homossexuais nas práticas corporais, usando estratégias didáticas como o uso de reportagens, podcasts, imagens, esclarecendo o caráter de construção social e a não fixidez da identidade sexual, valorizando a pluralidade de identidades nas aulas de Educação Física e nos treinamentos, o que pressupõe não questionar gestos, usos da linguagem ou vestimentas, na tentativa de normalizar aqueles que escapam da matriz cis-heteronormativa; desconstruindo a representação de que homossexualidade e *performance* motora são incompatíveis.
- 10) Promover eventos para debater o gênero e a sexualidade entre profissionais da mídia esportiva, que no Brasil ainda assume um comportamento que

invisibiliza a identidade de gênero e sexual de atletas<sup>12</sup>, ainda que os mesmos assumam suas identidades publicamente, por exemplo, nas redes sociais. É importante que a mídia esportiva reconheça o gênero e a sexualidade como dimensões do Esporte que necessitam reflexão, pois interferem no cotidiano do atleta.

Por fim, oferecemos um exemplo de atividade coeducativa para problematizar as identidades de gênero no âmbito das aulas de Educação Física escolar, proposta por Devide (2024), que possui proximidade com o debate realizado neste ensaio e serve como uma pista de como podemos sistematizar o debate na escola, com foco nas masculinidades. A atividade é nomeada de “Conversando sobre *bullying* homofóbico”, sendo indicada ao Ensino Médio, requerendo os seguintes materiais: narrativas escritas, *podcasts*, vídeos curtos, animações e/ou depoimentos. Seu objetivo central é sensibilizar os discentes sobre o que é o *bullying*, vinculando-o aos marcadores sociais de gênero e sexualidade, com foco nas masculinidades. Para tal, apresentamos seu encaminhamento:

Explicar o intuito da atividade no início da aula, a partir da organização de uma “roda de conversa”. Com a turma organizada, a/o docente distribuirá um relato escrito à turma. Exemplo de relato: *Carlos é um aluno novo na escola. Tem dezesseis anos e não demonstra interesse em participar de jogos coletivos com os outros meninos da turma do primeiro ano do Ensino Médio. Apresenta um comportamento introvertido, fala baixo e opta por interagir mais com o grupo de meninas, participando de outros jogos, como vôlei, queimado ou ficar conversando com elas e outros meninos que possuem menos habilidade motora para esportes coletivos. Ao longo do primeiro mês, Carlos passou a ser tratado com apelidos pejorativos, como “menininha” e “marica” por parte de alguns meninos habilidosos nos esportes coletivos, que passaram a olhar para ele como um menino afeminado. Com o decorrer das aulas, estes apelidos também passaram a ser usados no recreio, na entrada e saída da escola e nos banheiros e vestiários, antes e durante as aulas de Educação Física. Quando estes colegas passaram a usar as redes sociais para intimidar Carlos, cobrando um ‘ingresso’ para ele entrar na escola, enquanto ele não jogasse futebol com os outros meninos, Carlos começou a faltar às aulas. Ele vagava pelas ruas da cidade e chegava a casa triste, inventando desculpas para não ir à escola no dia seguinte.* A partir de

<sup>12</sup> Uma exceção a este processo de invisibilização, no sentido de uma ação afirmativa acerca da presença de atletas homossexuais e bissexuais no esporte foi a série de *podcasts* “Nos armários dos vestiários”, do jornalista William de Luca e da jornalista Joana de Assis. Entre os episódios há um intitulado “Masculinidade Utópica”, no qual a/o jornalista abordam as masculinidades no futebol, a partir de exemplos que explicitam que a homofobia é tão recorrente e circulante que impacta todos os jogadores, independentemente de sua identidade sexual; além de apresentarem a história do campeonato da Ligay, como um movimento de combate à homofobia e a masculinidade tóxica na modalidade. Disponível em <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestuarios/episodio/masculinidade-utopica/>. Acesso em: 17 Jul. 2025.

perguntas orientadas para o objetivo de problematizar a exclusão por gênero e sexualidade, a/o docente deverá mediа a “roda de conversa” com a turma, lançando questões como: “-Alguém presenciou uma situação parecida com este relato em anos anteriores na escola?” “-Qual ou quais a/s causa/s para o *bullying* homofóbico neste relato?” “-Quais as características dos agressores e da vítima do *bullying* neste relato?” “-Há diferenças perceptíveis entre um e outro?” “-De que natureza são essas diferenças?” “-Por que vocês acham que as diferenças geram ações de violência, como o *bullying*?” “-Como combater estas práticas na escola e nas aulas de Educação Física?” (p. 91-92).

Para o desenvolvimento desta atividade, que traz uma narrativa sobre um aluno que se afasta da masculinidade hegemônica (Connell, 1995, 2003), ortodoxa (Anderson, 2009) e/ou de dominação (Jablonka, 2021), a/o docente pode trabalhar a partir de depoimentos de jovens que pertencem à turma e sofrem exclusão ou conhecem relatos de amigos que são excluídos nas aulas de Educação Física, através da prática do *bullying* vinculado ao gênero e à sexualidade, em função de se distanciarem de um padrão de masculinidade normativo, esperado da maioria dos meninos. Atividades com esta característica abrem brechas para debater o *bullying* vinculado ao gênero e à sexualidade, com foco nas masculinidades circulantes nas aulas de Educação Física, permitindo que os discentes reflitam sobre a construção social das identidades e das diferenças entre si, ampliando a compreensão sobre as relações de gênero da sociedade à escola e às aulas de Educação Física.

### Reflexões Finais

Este ensaio, de caráter propositivo, traz uma breve revisão da literatura sobre os Estudos das Masculinidades na Educação Física brasileira, apresentando algumas das teorias mais recorrentes nas pesquisas, com destaque para a proposição de Connell (1995, 2003); apresentando outras duas teorias (Anderson, 2009; Anderson e Mac'Cormack, 2016; Jablonka, 2021); tece reflexões sobre as implicações das representações sobre as masculinidades na Educação Física e no Esporte, a partir do que apresentam alguns estudos mencionados: a generificação de conteúdos que favorecem as experiências dos alunos, o *bullying* homofóbico, as práticas de exclusão dirigidas àqueles alunos que escapam da expectativa de uma masculinidade normativa, assim como a presença de estudos que já reconhecem e investigam outras masculinidades nas aulas de Educação Física e no Esporte.

Por fim, buscamos apresentar um rol de dez proposições e um exemplo de atividade que sirvam de recursos para aquelas/es que atuam com a Educação Física

escolar e/ou com o Esporte em outros espaços, na intenção de construírem uma intervenção mais inclusiva, buscando construir uma atmosfera de liberdade e segurança para todos os meninos que participam das atividades, independentemente de suas identidades sexual e de gênero.

Se a intervenção pedagógica no campo da Educação Física escolar e do Esporte atuar na direção de oferecer informações sobre a construção social das identidades sexual e de gênero; o respeito e valorização das diferenças entre as masculinidades que habitam os terrenos da Educação Física escolar e do Esporte de alto rendimento, assim como o combate aos estereótipos e preconceitos, como apelidos e piadas homofóbicas e transfóbicas, estaremos caminhando para a construção de espaços mais inclusivos e seguros a todos os meninos, sobretudo àqueles que escapam do padrão de masculinidade normativa imposto pela sociedade patriarcal e sua matriz cisheteronormativa.

## Referências

ANDERSON, Eric. *In the game: gay athletes and the cult of masculinity*. New York: State University Press, 2005a.

ANDERSON, Eric. Orthodox and Inclusive Masculinities: Competing Masculinities among Heterosexual Men in a Feminized Terrain. *Sage Journals*, v. 48, n. 3, p. 337-355, 2005b.

ANDERSON, Eric. *Inclusive Masculinities: the changing nature of masculinities*. Routledge: United Kingdom, 2009.

ANDERSON, Eric. *A non-feminist approach to Masculinities* (lecture), International Conference on Men's Issues, London, 2018.

ANDERSON, Eric; MC'CORMACK, Mark. Inclusive Masculinity Theory: overview, reflection and refinement. *Journal of Gender Studies*, v. 25, n. 5, p. 547-561, 2016.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). *História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 189-220.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

BRITO, Leandro. "AFEMINADA! AFEMINADA! – Queerizando as masculinidades no contexto do voleibol. In. DORNELLES, Priscila; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria. *Educação Física e Sexualidade: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 95-107.

BRITO, Leandro. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-14, 2021.

Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/cNwyVKFqHbkqkrb3kcbsvQc/>> Acesso em: 16 jul. 2025.

BRITO, Leandro; LEITE, Mirian. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017.

BRITO, Leandro; SANTOS, Mônica. dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, 2013.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

CAVALEIRO, Maria; VIANNA, Cláudia. Chutar é preciso? Masculinidades e Educação Física escolar. In. KNIJNIK, Jorge; ZUZZI, Renata (orgs.). *Meninas e meninos na Educação Física*: Gênero e Corporeidade no século XXI. São Paulo: Fontoura, 2010. p. 137-154.

CONNELL, Raewyn. Políticas de masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. México: UNAM-PUEG, 2003.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero*: uma perspectiva global – compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo. São Paulo: NVersos, 2015.

CUNHA JÚNIOR, Carlos; MELO, Victor. Homossexualidade, Educação Física e Esporte: primeiras aproximações. *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 18–24, 1996.

CUNHA JÚNIOR, Carlos. Gênero e história: apontamentos de uma pesquisa sobre a masculinidade e Educação Física. VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Lazer e Dança. *Anais...* Gramado, 2000. p. 396-400.

CUNHA, Camila. Masculinidades: quando o brincar é perigoso. In. KNIJNIK, Jorge; ZUZZI, Renata (orgs.). *Meninas e meninos na Educação Física*: Gênero e Corporeidade no século XXI. São Paulo: Fontoura, 2010. p. 175-199.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e Mulheres no Esporte*: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In.: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE* – v. 6 - Gênero e sexualidade no esporte e na educação física. Natal: UFRN, p. 91-105, 2020.

DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro (orgs.). *Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: NVersos, 2021.

DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos das Masculinidades na Educação Física e no esporte: reflexões e contribuições sobre as teorias de Raewyn Connell e Eric Anderson. In: DEVIDE, Fabiano; BRITO, Leandro (orgs.). *Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: NVersos, 2021a. p. 23-56.

DEVIDE, Fabiano Pries. Arte contemporânea, esportes e masculinidades: um diálogo com a obra de Alair Gomes. *Cadernos de Pesquisa do SESC-SP*, n. 13, p. 1-29, São Paulo, 2021b.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Arte contemporânea, práticas corporais institucionalizadas e história: masculinidades em movimento na “Coleção Alair Gomes” 1960-1980* - Fundação Biblioteca Nacional. Relatório de Pós-Doutorado. 270p. Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ, Rio de Janeiro, 2021c.

DEVIDE, Fabiano Pries. Masculinidades e práticas corporais na obra de Alair Gomes: a série Sonatinas, four feet. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 24, n. 45, p. 199-217, 2022.

DEVIDE, Fabiano Pries. Práticas corporais, masculinidades e homoerotismo: diálogos entre Educação Física e Arte Contemporânea. *Filia/UFMG*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 185-211, 2023.

DEVIDE, Fabiano Pries. *Coeducação e Educação Física escolar*: reflexões introdutórias e sistematização de atividades. São Paulo: João & Pedro editores, 2024.

DEVIDE, Fabiano Pries; BATISTA, Renata. O exercício físico na construção da identidade de gênero: por uma masculinidade plural. In: KNIJNIK, Jorge (org.). *Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades*. Coleção Sport: História. Apicuri: Rio de Janeiro, 2010. p. 185-209.

DOS ANJOS, Luiza; PINTO, Maurício. Transmasculinidades e futebóis dissonantes: as experiências do Meninos Bons de Bola e do Transviver F. C. In. GARCIA, Rafael. (org.). *Transgeneridades, Eseducação Física e Esporte*. Volume 2. Rio de Janeiro: Metanoia, 2024. p. 70-96.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 388-412.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 312-348, 1997.

FERNANDES, Pedro et al. Educação Física escolar, raça e gênero: uma reflexão interseccional sobre as masculinidades negras. In. DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro (orgs.). *Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: NVersos, 2021c. p. 103-139.

FORTH, Christopher. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). *História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 154-186.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Lamparina: Rio de Janeiro, 2015.

HEARN, Jeff et al. Hegemonic Masculinity and Beyond: 40 years of research in Sweden. *Men and Masculinities*. v. 15, n. 1, p. 31-55, 2012.

JABLONKA, Ivan. *Homens Justos*: do patriarcado às novas masculinidades. São Paulo: Todavia, 2021.

KIMELL, Michael. *Angry white men*: american masculinity at the end of an era. Nation Books: United States, 2013.

KNIJNIK, Jorge; MACHADO, Afonso. Bailarinos do esporte: notas sobre novas masculinidades em campo. In: ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik. (orgs.). *Universo do corpo*: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 137-150.

KNIJNIK, Jorge; ZUZZI, Renata (orgs.). *Meninos e meninas na Educação Física*: gênero e corporeidade no século XXI. Jundiaí: Fontoura, 2010. p. 155-174.

KNIJNIK, Jorge; FALCÃO-DEFINO, Paulo. Esporte e masculinidades: uma longa história de amor, ou melhor, de amizade. In: KNIJNIK, Jorge (org.). *Gênero e Esporte*: masculinidades e feminilidades. Coleção Sport: História. Apicuri: Rio de Janeiro, 2010. p. 161-183.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MELO, Victor; VAZ, Alexandre. Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade. *Artcultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 139-160, 2006.

MELO, Victor; LACERDA, Paulo. Masculinidade e dança, masculinidade e esportes: relações. In. Knijnik, Jorge (org.). *Gênero e Esporte*: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 111-136.

MESSNER, Michael. *Power at play*: sports and the problem of masculinity. Boston: Beacon Press, 1992.

MESSNER, Michael. Sports and Male Domination: The Female Athlete as a Contested Ideological Terrain. In: BIRREL, Susan; COLE, Cherryl (Eds.). *Women, Sport, and Culture*. Champaign: Human Kinetics, 1994. p. 65-80.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer*: um aprendizado pelas diferenças. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KIMELL, Michael. *Angry white men*: american masculinity at the end of na era. Nation Books: United States, 2013.

MONTEIRO, Marko. Corpo, biologia e masculinidade. In. In. ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik. (orgs.). *Universo do Corpo*: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 103-115.

OLIVEIRA, Pedro. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2004.

PASCOE, Cheri Joe. Notas sobre uma sociologia do bullying: homofobia de homens jovens como socialização de gênero. *Teoria e Cultura*. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 289-301, 2018.

PEREIRA, Erik. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In. ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik. (orgs.). *Universo do Corpo*: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 87-115.

PELLUSO, Juliana; DEVIDE, Fabiano. Masculinidades na Educação Física escolar: reflexões necessárias sobre um tema velado. In. DEVIDE, Fabiano; BRITO, Leandro (orgs.). *Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: NVersos, 2021c. p. 131-155.

POCAHY, Fernando. A heterossexualidade como regime de verdade: problematizações na cama do humano moderno. In: GIVIGI, Ana; DORNELLES, Priscila. (orgs.). *Babado acadêmico no recôncavo baiano*: universidade, gênero e sexualidade. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 49-62.

PORTILHO, João Gabriel; BRITO, Leandro; SANTOS Ana Paula. Produção acadêmica sobre masculinidades nos anais do congresso brasileiro/internacional de ciências do esporte. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 63, 2020. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-80422020000300204](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422020000300204)> Acesso em 16 jul 2025.

PRADO, Vagner. Transmasculinidades e esporte. In. DEVIDE, Fabiano; BRITO, Leandro (orgs.). *Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: NVersos, 2021. p. 83-99.

PRONGER, Brian. *The arena of masculinity*: sports, homossexuality, and the meaning of sex. New York: St. Martin's Press, 1992.

RIAL, Carmem. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Mirian. (orgs.). *Masculino Feminino Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 241-254.

SARMET, Rômulo; DEVIDE, Fabiano. As masculinidades e suas relações no contexto da educação física escolar. V Seminário Internacional Desfazendo Gênero. *Anais...*, 2021. Disponível em [https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV168\\_MD\\_SA\\_ID\\_10122021013608.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_10122021013608.pdf) Acesso em: 31 ago. 2023.

SILVA, Marcelo; CÉSAR, Maria. Mapeamentos e cartografias: percepções de professores(as) sobre as masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física. In.: KNIJNIK, Jorge; ZUZZI, Renata (orgs.). *Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e Corporeidade no século XXI*. São Paulo: Fontoura, 2010. p. 155-174.

SILVA, Francisca; ALMEIDA, Maria. Masculinidades no esporte: o caso do rugby. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, p. 1-13, 2020.

SOUZA, Galdino et al. A Homofobia Como Uma Das Faces Do Bullying: Análise Em Periódicos Científicos Da Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis. v. 30, n. 54, p. 245-262, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n54p245/37046> Acesso em: 16 jul. 2025.

SOUZA, Francisca; PEREIRA NETO, Érica; ALMEIDA, Maria. Masculinidades subordinadas no esporte: o voleibol em foco. In. DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro (orgs.). *Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: NVersos, 2021. p. 207-222.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.). *História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 269-301.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.

Recebido em julho de 2025.

Aprovado em agosto de 2025.